

## **RESENHA: “Mulheres, Raça e Classe” de Angela Davis**

Mariana Assis<sup>1</sup>

Apresentamos hoje a resenha do livro: *Mulheres, Raça e Classe*, de autoria de Angela Davis, publicado nos Estados Unidos, em 1981, e lançado pela Boitempo, editora brasileira, em 2016, no cinquentenário do Black Panther Party (Partido dos Panteras Negras). Davis é professora universitária e filósofa marxista norte americana, foi integrante do Black Panther Party e exerce militância pelos direitos políticos e civis.

O livro reúne 13 capítulos, onde faz uma rememoração dos movimentos sociais a partir do movimento abolicionista, perpassando pelo surgimento do sufrágio e a luta pelos direitos das mulheres que se estende até os dias atuais. Isso, sob a lente da questão racial, em que mostra que o gênero possui raça e classe. Assim, a perspectiva interseccional proposta por Davis, diz a despeito a todas as diferenças que marcam de modo especialmente injusto as vidas das mulheres negras. Pautada no pensamento marxista, a autora aborda as questões das mulheres, a partir da raça e da classe sem hierarquizar os modos de opressão.

Já no primeiro capítulo do livro, Davis mostra a necessidade de racializar o debate político num país de herança escravagista, embasada nos fatos ocorridos durante a escravidão, mostrando que a categoria mulher não deve ser entendida de modo singular, uma vez que as experiências das mulheres negras não se parecem às da suas congêneres brancas.

Na sequência, a autora descreve a conexão nas origens, entre a luta antiescravagista e a organização das mulheres brancas, que encontravam, na luta abolicionista, um espaço para suas reivindicações. Um entrelaçamento marcado por conflitos raciais e de classe dentro do movimento sufragista das mulheres, formado de tensões entre feministas brancas sufragistas e lideranças negras.

Ao apresentar o período pós-escravagista, dois pontos merecem destaque: o primeiro é o crescimento da população carcerária de homens negros, que passaram a formar parte de um contingente de mão de obra presidiária cujas condições de vida eram análogas da escravidão; o segundo é que mulheres negras desenvolveram basicamente trabalho doméstico nas casas de brancos.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Sociologia pelo PPGSA/UFRJ

E é no trabalho doméstico que Davis centraliza um debate contemporâneo sobre o lugar da força de trabalho doméstico na reprodução do capital, reivindicando a industrialização e profissionalização do trabalho doméstico.

Em suma, a publicação traz como grande contribuição a construção de argumentos em que mostra a racialização de gênero e a classe de todos os atores envolvidos, onde é possível compreender como, em conjunturas específicas, a supremacia masculinista, de classe ou a racial tomavam conta dos movimentos sociais. Em síntese propõe: “Se, e quando, alguém conseguir acabar do ponto de vista histórico, com os mal-entendidos sobre as experiências das mulheres negras escravizadas, ela (ou ele) terá prestado um serviço inestimável. Não é apenas pela precisão histórica que um estudo desses deve ser realizado; as lições que ele pode reunir sobre a escrava trarão esclarecimentos sobre a luta atual das mulheres negras e de todas as mulheres em busca de emancipação” (p.17).